

MANTENDO-SE FIEL AO CONTEXTO

Yves Gendron, Ph.D.
Faculté des sciences de l'administration
Pavillon Palasis-Prince
2325, rue de la Terrasse
Local 2636
Université Laval
Québec City (Québec)
Canada G1V 0A6
Tel: 418 656 2131 ext. 402431
E-mail: yves.gendron@fsa.ulaval.ca

Esse ensaio é inspirado nas minhas experiências nas conferências QRCA (Qualitative Research and Critical Accounting) de 2018 e 2019, que foram organizadas respectivamente em São Paulo (de 29 de outubro a 1 de novembro de 2018) e Bogotá (de 28 a 31 de outubro de 2019). Eu agradeço especialmente à Silvia Casa Nova e André Aquino por terem co-organizado a conferência de 2018 de uma forma significativa e efetiva - assim como a Mary Vera-Colina pelo seu envolvimento marcante na supervisão da organização da conferência de 2019. Eu me beneficieei dos comentários feitos por Cynthia Courtois, Cheryl Lehman, Bertrand Malsch, e Joane Martel. Eu agradeço o apoio financeiro da Elsevier, que cobriu meus custos de viagem e de subsistência.

RESUMO

Esse ensaio desenvolve o argumento de que a cobrança/ os ventos da internacionalização ameaçam a contextualidade e significado da pesquisa contábil qualitativa, especialmente quando internacionalização implica que pesquisadores e pesquisadoras de instituições não-anglófonas considerem ou são cobrados para publicarem seus trabalhos em periódicos de alto impacto de língua inglesa. Eu argumento que a ameaça da internacionalização opera por meio de três processos descontextualizantes – linguístico, cultural e epistemológico. Pesquisadores e pesquisadoras engajados em pesquisas qualitativas devem tomar cuidado antes de embarcar no movimento de internacionalização, visto que tal movimento representa um risco significativo para suas pesquisas – o de subestimar ou marginalizar maneiras de falar, pensar, pesquisar e escrever. Por fim, faço algumas sugestões que podem auxiliar a manter a internacionalização sob vigilância e, talvez, atenuar seus efeitos negativos na contextualidade dos esforços de pesquisa qualitativa.

Palavras-chaves: Descontextualidade, Economia da Concisão, Internacionalização da Pesquisa, Metodologia, Pesquisa qualitativa.

1. Introdução

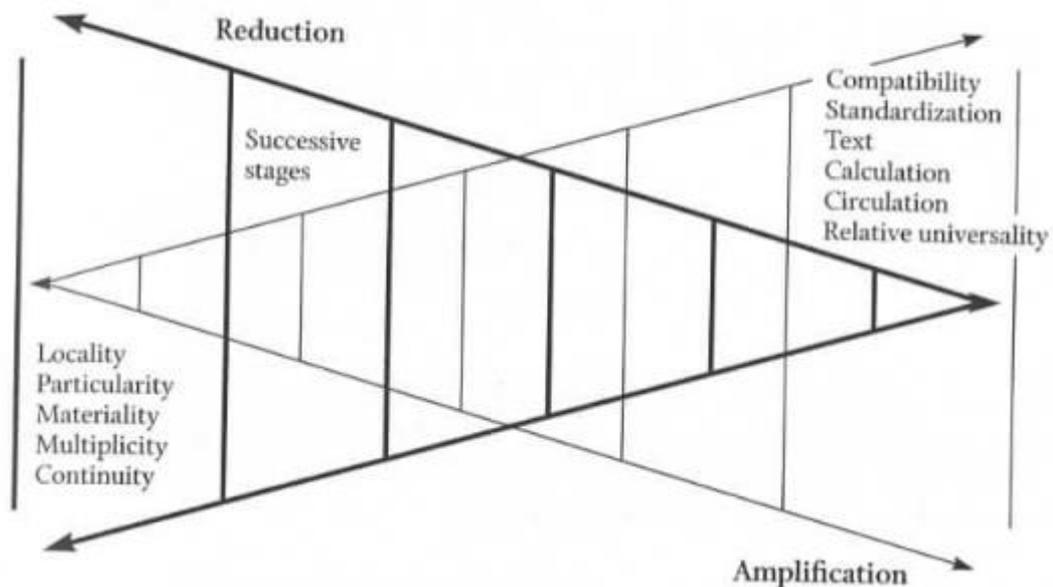
Em um livro sobre processos de construção de conhecimento, Bruno Latour (1999) destaca uma tensão chave entre a redução do contexto local e a amplificação das reivindicações do conhecimento. Latour traz essa tensão à tona como parte de uma etnografia em que ele estuda

Submetido em novembro e aceito em dezembro 2019 por Sirlei Lemes após o processo de Double Blind Review

o trabalho de um grupo de pesquisa em botânica no Brasil. O grupo se baseava em métodos tradicionais, positivistas em suas tentativas de encontrar respostas para a pergunta: a floresta Amazônica está avançando ou se retraindo? Baseado em suas análises, Latour ilustra (ver Figura 1) um movimento epistemológico em que cientistas tradicionais, ao desenvolverem conhecimento empírico, se envolvem em um processo caracterizado ao mesmo tempo pela redução (por exemplo a perda de contexto) e amplificação (por exemplo o aumento da comparabilidade entre contextos). Especificamente,

Etapa após etapa, fomos perdendo localidade, particularidade, materialidade, multiplicidade e continuidade, de sorte que no fim pouca coisa restou além de umas poucas folhas de papel. Vamos dar o nome de redução ao primeiro triângulo. [...] Entretanto, a cada etapa, não apenas reduzimos como ganhamos ou reganhamos, já que graças ao mesmo trabalho de re-representação conseguimos obter muito mais compatibilidade, padronização, texto, cálculo, circulação e universidade relativa. [...] Chamemos a esse segundo triângulo [...] de amplificação. (Latour, 2001, pp. 87-88)

Figura 1
Reduction to amplification movement
Excerpted from Latour (1999, p. 71, originally Figure 2.22)



O processo de construção de conhecimento nas ciências naturais é caracterizado pela busca para descobrir e testar leis gerais que se mantenham diante de um amplo conjunto de circunstâncias. Isso implica que o objeto de pesquisa é levado para dentro do laboratório do cientista, em que “barulhos/interferências” e influências indesejáveis vindas do contexto natural são controladas e deixadas na periferia do estudo (CHALMERS, 2013). Uma das principais conclusões de Latour é que “ao perder a floresta, passamos a conhecê-la” (LATOUR, 2000, p. 54). Em outras palavras, o desenvolvimento de conhecimento comparável e amplificável vem

por meio de um custo significativo, isto é, a descontextualidade do objeto de pesquisa. Nós frequentemente perdemos de vista essa importante perda epistemológica quando somos expostos a resultados quantitativos publicados em artigos, que ritualisticamente apelam para o princípio da objetividade para legitimar o processo investigativo (Porter, 1995)^[1].

Em um editorial publicado alguns anos após a criação do periódico *Accounting, Organizations and Society*, em uma época que as fronteiras paradigmáticas do mundo da pesquisa contábil estavam emergindo, Anthony Hopwood manifestou sua preocupação sobre o impacto prejudicial que a descontextualidade poderia gerar no domínio da pesquisa contábil comportamental (que é uma forma de positivismo):

Gostaria, no entanto, de ver pelo menos mais algumas pesquisas orientadas à descrição e entendimento dos sistemas contábeis em ação. Pois sem elas, sinto, que a pesquisa comportamental e organizacional da contabilidade cada vez mais existirá em um vazio, dentro de um mundo baseado nos mitos da missão contábil, e não nas realizações da contabilidade na prática. (HOPWOOD, 1979, p. 147)

Num primeiro olhar, podemos presumir que pesquisadores e pesquisadoras engajadas com pesquisa qualitativa deveriam estar atentos e atentas aos perigos da descontextualidade, dado que o coração da pesquisa qualitativa é frequentemente ancorado na construção do conhecimento aprofundado e contextualizado. Como mencionado em um livro de métodos qualitativos, Patton (1990, p. 49) afirma o seguinte, “a descrição e entendimento do contexto social de uma pessoa ou o contexto político de uma organização é essencial para o entendimento geral do que é observado”. Flick (2002, p. 5) adiciona que “a maioria dos fenômenos não pode ser explicada isoladamente como resultado da complexidade da realidade e dos fenômenos”. A importância do contexto é geralmente considerada um princípio fundamental da pesquisa qualitativa. Se alguém deseja investigar de maneira significativa como as pessoas experimentam a “realidade” no campo, a construção do conhecimento precisa se concentrar em microprocessos, levando em consideração o contexto em torno desses processos (PALYS, 1992; PATTON, 1990). Portanto, é necessária uma investigação aprofundada (POWER; GENDRON, 2015).

Contudo, neste ensaio, eu argumento que a pesquisa qualitativa não encontra-se livre dos perigos da descontextualização[2],[3]. Me parece que esses perigos são transmitidos especialmente através da propagação de uma agenda que visa internacionalizar a pesquisa e o mito da grandiosidade e do progresso inegável em que essa agenda se baseia[4].

2. Sobre a “internacionalização” da pesquisa

A internacionalização da pesquisa é um fenômeno complexo que pode ser analisado de diversas formas. Que tipo de internacionalização estou considerando? Nesse ensaio, eu entendo internacionalização como um movimento (imposto ou voluntário) em que pesquisadores e pesquisadoras de origens e de bases epistemológicas diversas buscam publicar seus trabalhos em periódicos de alto impacto e língua inglesa. Estou interessado em um segmento específico

dentro desse movimento, a internacionalização do ponto de vista de pesquisadores qualitativos em contabilidade de instituições não anglófonas. Como uma pessoa cuja língua nativa é o francês me envolvi extensivamente em uma rede “internacional” de pesquisa contábil. Eu pude observar, ao decorrer do tempo, como o poder (incluindo o poder do idioma) e a construção de conhecimento se entrelaçam, principalmente com o que é comumente rotulado como uma agenda lógica e gratificante - a internacionalização da pesquisa. Minhas experiências e observações constituem o cenário inspirador a partir do qual escrevi este ensaio.

O mundo da pesquisa não está imune às tendências significativas da sociedade em geral, sendo uma delas a globalização. O fenômeno da globalização abarca uma noção complexa e complicada que pode ser abordada por uma multiplicidade de ângulos: cultural, econômico, político, tecnológico, dentre outros (BECK, 2000). Sendo extensivamente efetivos no pós Segunda Guerra Mundial em estender a sua agência sobre vários domínios (por exemplo a criação das instituições Bretton Woods, o estabelecimento da infraestrutura da Internet), os Estados Unidos têm sido capazes de estabelecer a si mesmos como atores-chave nos circuitos da globalização - moldando-os juntamente com a sua linguagem e formas favorecidas de pensamento (STIGLITZ, 2002). Em particular, a influência globalizante dos Estados Unidos é palpável na pesquisa em negócio, não somente pelo desenvolvimento e disseminação dos rankings acadêmicos como o do Financial Times, nomeadamente o FT50. Esse último é baseado em uma lista das 50 revistas acadêmicas no domínio dos negócios, todas elas sendo publicadas em inglês e muitas delas sendo muito proximamente afiliadas à academia estadunidense (BURGESS & SHAW, 2010; GREY, 2010).[5] Na forma de pensar de muitos diretores de escolas de negócios (incluindo aqueles de instituições não-anglófonas), a “internacionalização” da pesquisa implica na construção e disseminação do conhecimento dentro do âmbito desta dita elite, redes de pesquisa anglófonas (WEDLIN, 2006). Como um resultado, acadêmicos e acadêmicas de contabilidade e negócios de um conjunto de instituições não-anglófonas estão sendo cada vez mais incitados, e algumas vezes até requeridos, a publicar nas revistas acadêmicas internacionais (i.e., bem ranqueadas, anglófonas) (KOMORI, 2015; MALSCH & TESSIER, 2015; PELGER & GROTTKE, 2015). Importante, o domínio “internacional” da pesquisa em contabilidade é pesadamente institucionalizado e estratificado (WILLIAMS & RODGERS, 1995). Procurar tornar-se um ator ativo neste domínio pode ser desafiador, sobretudo como resultado da taxa de rejeição relativamente alta que periódicos altamente ranqueados tendem a ter (MOIZER, 2009). Além disso, não é como se a pesquisa contábil internacional (independentemente do paradigma) fosse amplamente reconhecida como tendo produzido, em uma base contínua, pesquisa que fosse inovativa e impactante; ao contrário, crescentes críticas têm sido expressas a esse respeito (CHUA, 2019; GENDRON & RODRIGUE, no prelo; HOPWOOD, 2007).

Apesar de que eu observe alguma variabilidade, eu sinto, durante meu envolvimento na Conferência Qualitative Research and Critical Accounting (QRCA) em 2018, em São Paulo, e na Conferência Qualitative Research and Critical Accounting (QRCA) em 2019, em Bogotá, que um relativamente importante contingente de acadêmicos e estudantes de doutorado estavam interessados na pesquisa contábil “internacional”. Alguns deles estavam até considerando a ideia de submeter a periódicos “internacionais”. A tese que eu desenvolvo neste ensaio,

mantendo-se fiel ao contexto, é direcionada especialmente a pessoas de instituições não-anglófonas que podem ser tentados a (ou requisitados a) disseminar sua pesquisa em periódicos "internacionais" (de novo, altamente ranqueados, anglófonos).

3. Des-contextualização através da internacionalização

Eu mantenho que a internacionalização do movimento de pesquisa é caracterizada por três tipos de barreiras que podem prevenir o desenvolvimento e a disseminação de análises contextualizadas. Cada uma dessas barreiras pode sustentar a des-contextualização e fazê-la cada vez mais tangível. As três barreiras se relacionam respectivamente aos domínios linguístico, cultura e epistemológico. Eu as identifiquei por meio de minhas próprias intuições e imaginação disciplinada (WEICK, 1989), apesar de eu ter sido influenciado por Hagège (2012).^[6] Meu ponto é que a internacionalização pode remover ou minimizar, de formas mais ou menos dissimuladas, um número de peculiaridades baseadas no contexto (p. e. algumas formas locais de falar, padrões nativos de significados, esquemas culturais, evento local, etc.) - e esse tipo de reducionismo é suscetível de ser particularmente prejudicial para a condução da pesquisa qualitativa. Ou seja, a internacionalização ameaça a essência da pesquisa qualitativa.

3.1. Barreiras linguísticas

Barreiras linguísticas podem sustentar a des-contextualização de duas maneiras. Primeiro, palavras em uma dada língua podem não ser traduzidas facilmente para outra língua. Baseando-se na literatura em tradução, Evans (2018) critica o mito da equivalência, na medida em que muitas vezes está longe de ser óbvio que os significados sejam transferidos facilmente para uma outra língua. Por exemplo,

Um exemplo amplamente discutido relaciona-se às dificuldades que emergem na tradução do conceito de "visão verdadeira e justa" quando este conceito, que teve origem e está proximamente relacionado à tradição anglo-saxônica de contabilidade e ao sistema legal consuetudinário, foi introduzida nos sistemas codificado e da Europa continental. (Evans, 2018, p. 1850)

Evans (2018) também ilustra o seu argumento com a noção de "controle", que é particularmente desafiadora para interpretar a partir de um ponto de vista chinês. Exemplos podem ser invocados de forma seguida. O ponto importante para reter no contexto do presente ensaio é que autores que estudam em um cenário não-anglófono perderão parte do sabor e autenticidade locais de seu trabalho de campo quando confiam na língua inglesa para expressar seus dados e dar sentido a eles. Mesmo traduções profissionais (por exemplo, do espanhol ou português para o inglês) implicam em alguma perda de significado - e daí de contexto.

A segunda maneira na qual a barreira linguística promove a des-contextualização é por meio da remoção das nuances. Isso ocorre quando um pesquisador ou pesquisadora não-anglófono, cujas habilidades na língua inglesa são limitadas, decide escrever diretamente em inglês, talvez seguindo o "conselho" de Moizer (2009, p. 301) que, na *Accounting, Organizations and Society*, explicitamente recomenda o seguinte:

Faça o esforço para escrever bem em inglês. Para aqueles para quem o inglês não é sua primeira língua, é melhor escrever primeiro em um inglês ruim que então é corrigido do que escrever em sua língua natal e então traduzi-lo.

Escrever diretamente em inglês é apropriado quando o autor é capaz de escrever com estilo e eloquência - e de matizar o seu argumento de tal forma que reflita as complexidades e sutilezas da dinâmica do campo sob estudo. Uma presunção chave da pesquisa qualitativa que

é frequentemente enfatizada em trabalhos metodológicos é considerar a realidade como complexa, confusa e contraditória (FLYVBJERG, 2001; POWER & GENDRON, 2015). Como mantido por Gephart (2004, p. 455), "um valor importante da pesquisa qualitativa é a descrição e o entendimento das interações humanas reais, significados, e processos que constituem os ambientes organizacionais da vida real." A tarefa do investigador qualitativo é dar sentido à complexidade da vida organizacional - não de uma forma que a simplifique excessivamente, mas de uma maneira que significativamente leve em conta a sua complexidade. Patton (1990, p. 371) aponta para desafios significativos quando a investigadora procura dar sentido a uma vasta quantidade de dados qualitativos de algum fenômeno da vida real:

O desafio é dar sentido a um montante massivo de dados, reduzir o volume de informação, identificar padrões significativos, e construir uma estrutura para comunicar a essência do que os dados revelam. O problema é que [...] não há nenhuma regra absoluta exceto fazer o melhor com o seu todo o seu intelecto para representar os dados de forma justa e comunicar o que os dados revelam dado o propósito do estudo.

Seguindo a caracterização de Patton, a pesquisa qualitativa requer que a investigadora use "todo seu intelecto para representar os dados de forma apropriada." É importante ressaltar que essa caracterização implica que pesquisadores qualitativos precisam ser ágeis e habilidosos em conceptualizar e converter suas ideias em palavras; ou seja, eles precisam mobilizar a ginástica intelectual para dar sentido aos dados e representá-lo de forma fidedigna e significativa. Assim, a composição de pesquisas qualitativas demanda de habilidades de escrita capazes de refletir o resultado da ginástica intelectual que foi mobilizada quando da análise dos dados. Caso contrário, como poderia a pesquisadora qualitativa expressar a complexidade do campo? O ponto é que os pesquisadores qualitativos, como escritores, precisam ser capazes de criar nuances e introduzir sutilezas em sua caracterização da dinâmica organizacional. Isso, eu sinto, é o que Gephart (2004, p. 455) quer dizer quando ele afirma "a pesquisa qualitativa começa com e retorna para as palavras". Compor pesquisa qualitativa é muitas vezes visto como um esforço artístico, no qual "a escrita define os termos de grande parte de nossas vidas profissionais" (GOLDEN-BIDDLE & LOCKE, 2007, p. 9). Escrever visa "converter nosso engajamento de campo com as conversas e vidas das pessoas em insights e enunciados teoricamente relevantes que sejam vistos como uma contribuição pela relevante comunidade profissional de leitores" (GOLDEN-BIDDLE & LOCKE, 2007, p. 23).

Segue-se que os pesquisadores qualitativos cujas habilidades com inglês não estão em sintonia com a ginástica intelectual requerida para analisar de forma significativa os dados podem ter uma inclinação para escrever em inglês de uma forma que simplifique sobremaneira os argumentos e que remova as nuances de suas narrativas. Esses autores, então, tenderão a escrever usando o "inglês americano Globish" - que Snell-Hornby (2010, p. 18) define como "o reduzido sistema de comunicação verbal baseado em um baixo denominador comum do código inglês basicamente compreensível por aqueles com algum conhecimento de inglês, impedindo que algumas palavras locais sejam expressas". Em suma, nuances importantes tendem a ser removidas do texto quando a autora não é capaz de escrever através uma linguagem que ela possa mobilizar habilidosamente e eloquentemente. Isso engendra des-contextualização pois uma série de sutilezas e especificidades do campo não estão refletidas nos manuscritos da autora.

3.2. Barreiras culturais

Além da linguagem, o movimento de internacionalização pode estimular a criação de barreiras culturais que alimentam a des-contextualização da pesquisa qualitativa. Eu vejo tais

barreiras como lacunas entre a cultura local da autora e a cultura da audiência acadêmica (anglófona) a que a autora se dirige ao publicar. Meu ponto é que a probabilidade de aceitação quando pesquisadores de instituições não anglófonas buscam publicar em periódicos "internacionais" (altamente ranqueados, anglófonos) pode depender especialmente da proximidade do estudo com a teia de preocupações, conscientização e interesses em torno da revista-alvo (HUMPHREY & GENDRON, 2015). Por exemplo, o escândalo brasileiro da Operação Lava-Jato, o colapso da barragem próxima à cidade Brumadinho em 2019 (no Brasil) (que incrimina a empresa de mineração Vale), ou os abusos aos direitos humanos em projetos de mineração no Equador podem não ser eventos amplamente conhecidos nas comunidades acadêmicas internacionais. Autores estudando tais eventos podem precisar se engajar em esforços adicionais para explicar porque esses eventos são importantes - caso contrário, editores, revisores e leitores podem ter dificuldade em apreciar a significância desses objetos de estudo.

Uma convenção de escrita influente (PATRIOTTA, 2017) que cerca a composição de artigos de pesquisa qualitativa é o posicionamento do estudo em relação à literatura que os autores visam na tentativa de estabelecer sua contribuição (GOLDEN-BIDDLE & LOCKE, 2007). O posicionamento é um movimento retórico crucial uma vez que os autores paradoxalmente ambicionam fundamentar seus estudos na área de conversação baseada na literatura enquanto estabelecem a distintividade de seus estudos. Quando dada autora tem como alvo um periódico internacional, a composição usualmente implica na articulação de ligações críveis com um segmento significativo da literatura publicada neste específico periódico e em periódicos próximos, irmãos. Para constituir essas ligações com a pesquisa qualitativa internacional no domínio da contabilidade, pesquisadores tipicamente mobilizam artigos publicados nas revistas *Accounting, Auditing & Accountability Journal (AAAJ)*, *Accounting, Organizations and Society (AOS)*, *Critical Perspectives on Accounting (CPA)*, *Accounting Forum*, e em outras revistas anglófonas. Revistas acadêmicas latino-americanas e japonesas, por exemplo, pouco provavelmente representariam pontos de referência significativos nos olhos dos editores, revisores e leitores na academia contábil de internacional. Consequentemente, a rede de preocupações, conscientização e interesse embebida em tais comunidades geográficas provavelmente não desempenhará um papel principal nos processos de avaliação que terá lugar quando da submissão a um periódico "internacional".

Focando no impacto da internacionalização na pesquisa contábil no Japão, Komori (2015, p. 142) conclui que a internacionalização engendra ondas de anglocentrismo que tomam forma de diversas maneiras: "Dados japoneses sendo somente 'úteis' quando testam o que não pode ser testado através de dados estadunidenses; pesquisa tendo foco em tópicos ocidentais; e estudos japoneses sendo cada vez mais fundamentados em abordagens teóricas ocidentais". Barreiras culturais implicam em vieses em relação à seleção e avaliação de tópicos e lentes teóricas. Algumas teorias têm sido especialmente influentes na pesquisa contábil qualitativa de língua inglesa, como os trabalhos de Bourdieu, Foucault, Giddens, and Latour (GENDRON & BAKER, 2005; JUSTESEN & MOURITSEN, 2011; MALSCH et al., 2011). Sendo promovido especialmente pela publicação do artigo de Lounsbury (2008), o neo-institucionalismo é uma das mais recentes modas a ter influenciado significativamente o domínio da pesquisa contábil. Entretanto, minha experiência editorial indica que as ambições dos pesquisadores que buscam capitalizar nas tendências teóricas do momento frequentemente se traduzem em uma mobilização da teoria superficial; revisores tendem a perceber negativamente essa superficialidade. Decidir confiar em uma perspectiva teórica não deve ser vivenciado como vagar por um shopping center.[7] Razões significativas – ancoradas no contexto local que se está estudando – deve motivar a decisão de se adotar uma perspectiva específica. No âmbito da internacionalização da pesquisa, selecionar uma lente teórica por razões superficiais pode

traduzir-se em banalidades e conclusões marginais. A lente pode então não ressoar significativamente com os dados do campo – e pode impedir a pesquisadora de identificar e trazer à luz os padrões interpretativos mais significativos enterrados nos dados. Em resumo, a perspectiva teórica que é somente mobilizada de forma frouxa na análise de dados engendra des-contextualização, uma vez que os eixos de significação latentes e mais profundos que caracterizam os dados de formas muito importantes (Berg & Lune, 2012) podem então permanecer despercebidos. Além disso, pesquisadores de instituições não-anglófonas devem ter em mente que os eixos de teorização influentes de periódicos internacionais não devem reinar sem contestação; sérias críticas têm sido levantadas (por exemplo, Alvesson & Spicer, 2019; Armstrong, 1994) e pesquisadores têm sido bem aconselhados a tê-las em conta quando selecionarem suas lentes teóricas.

As barreiras culturais e suas subjacentes ondas de descontextualização sustentam e propagam por meio de *gatekeeping* disciplinar, especialmente quando editores e revisores estão ativamente envolvidos em avaliar e monitorar o que os autores de determinada comunidade acadêmica podem ou não dizer (GABRIEL, 2010). Esse tipo de *gatekeeping* disciplinar performado por editores e avaliadores podem prevenir alguns tópicos e lentes teóricas de se desenvolverem e fixarem em periódicos “internacionais”. Ainda assim, barreiras culturais atuam de maneira auto-disciplinadora quando os autores alteram sua pesquisa e sua escrita como resultado de expectativas significativas que possuem em relação ao processo avaliativo e editorial. Algo positivo que surge desse contexto, é que o pesquisador corajoso e sofisticado não se auto-silenciará, mas irá construir seu trabalho e defendê-lo baseado no significado e riqueza contextual.

3.3. Barreiras Epistemológicas

O terceiro tipo de barreira que promove a descontextualização é a barreira epistemológica. Qualquer periódico comumente tem suas preferências epistemológicas, estando inclinado a diminuir seus limites de aceitabilidade ao receber submissões que representam estilo pouco ortodoxo de pesquisa (GREY, 2010). Periódicos dentro de determinado paradigma de pesquisa tipicamente dividem algumas preferências epistemológicas - apesar de individualmente cada periódico poder favorecer alguma escola de pensamento (MORGAN, 1980). Um exemplo claro disso são os periódicos estadunidenses dominantes na área de Contabilidade - em que tais periódicos costumam dividir os mesmos autores, avaliadores e membros do corpo editorial (LUKKA; KASANEN, 1996). O mesmo se aplica a periódicos de Contabilidade de língua inglesa com uma grande quantidade de publicações qualitativas (tais como AAAJ, AOS e CPA). As preferências epistemológicas divididas pelos periódicos dentro do mesmo paradigma implicam que certos estilos de pesquisa serão amplamente favorecidos - em detrimento de outros. Por exemplo, alguns autores reagiram recentemente contra a marginalização do ensaio teórico na comunidade de língua inglesa de pesquisa qualitativa em administração, tentando revigorar a produção deste tipo de pesquisa por meio de uma iniciativa patrocinada pelo Journal of Management Studies (DELBRIDGE et al., 2016; GABRIEL, 2016).

Eu particularmente mantenho que as barreiras epistemológicas de hoje nos periódicos (de língua inglesa) em Contabilidade e Administração favorecem incrivelmente o aumento no número de artigos curtos como um estilo de pesquisa imaculado e apreciado. Como resultado, estilos de pesquisa que resultam em artigos mais longos estão em desvantagem - e frequentemente são impedidos de ser publicados em um determinado número de periódicos. Um dos grandes veículos pelo qual essa onda de artigos pequenos se propaga é a política de

limitação por contagem de palavras que os periódicos têm estabelecido recentemente (DAI et al., 2019). As atuais limitações (analisadas em 18 novembro de 2019) do periódico AAAJ especifica que as submissões para a primeira rodada de avaliação devem ter entre 12.000-13.000 palavras (incluindo notas de rodapé e apêndices). Os periódicos pertencentes à Associação Americana de Contabilidade (AAA) especificam despueradamente uma limitação de 7.000 palavras. Já o periódico *Organization Studies*, que publica artigos maioritariamente de cunho qualitativo, destaca uma limitação de 11.000 palavras. Enquanto alguns periódicos não aplicam rigorosamente sua política de limitação, outros a aplicam. No entanto, os periódicos cuja aplicação não é implementada proativamente propagam a onda dos artigos curtos por meio da sinalização de um limite. Pode-se certamente duvidar das motivações que tais periódicos têm para aderir a uma economia de concisão que marginaliza injustamente formas de pesquisa em que palavras, nuances e detalhes substanciais do campo contam (no sentido autêntico do termo) e importam. A extensão dos artigos baseados em entrevistas (publicados em 2010-2014) na AOS e na *Contemporary Accounting Research (CAR)*, que não têm políticas explícitas de contagem de palavras, tem em média cerca de 16.100 palavras para a AOS e 14.000 para a CAR. Diante disso, como desenvolver um argumento significativo e substantivo, fundamentado em dados coletados de atores de campo, por meio de um artigo de 7.000 palavras? Tais práticas prejudiciais geram argumentos simplificados e reducionismo epistemológico, enfraquecendo assim o próprio núcleo da pesquisa qualitativa. Não é rebuscado manter que as limitações de contagem de palavras põem em perigo a viabilidade da pesquisa qualitativa como um esforço intelectual significativo. Como mencionado por Patton (1990, p. 375) “[a] disciplina e o rigor da análise qualitativa dependem da apresentação de dados descritivos sólidos, o que muitas vezes é chamado de ‘descrição densa’ [...], de tal forma que outros que lêem os resultados possam compreender e desenhar as suas próprias interpretações”.

De forma semelhante, Lincoln e Guba (1985) defendem o significado do estudo de caso como principal forma de relato de pesquisa qualitativa, enfatizando o seguinte:

O estudo de caso fornece a "descrição densa" tão necessária para julgamentos de transferibilidade. [...] É responsabilidade do pesquisador fornecer uma base suficiente para permitir que uma pessoa que contempla a aplicação em outro ambiente possa fazer as comparações necessárias de similaridade. (pp. 359-360).

O estudo de caso fornece uma avaliação fundamentada do contexto. Se os fenômenos estudados não só possuem seu significado de maneira contextual, mas também dependem do contexto para a sua existência, é essencial que o leitor receba uma compreensão adequada de como é esse contexto. (p. 360).

Os gestores das casas editoriais e periódicos estão cientes de tais caracterizações clássicas de que se trata a pesquisa qualitativa? Deve-se notar, no entanto, que a propagação da palavra mania de contagem de palavras não é homogênea em comunidades de pesquisa de língua inglesa; tais políticas de restrição não são encontradas em todas as revistas. No entanto, as políticas de limitação propagam uma linha de pensamento que pode ter impacto em periódicos que não têm limites formais de palavras, sobretudo através do trabalho de revisores que podem estar cada vez mais inclinados a questionar a "contribuição" da submissão, dada a extensão do trabalho. Meu ponto é que os pesquisadores qualitativos não-anglófonos podem desejar ser prudentes ao contemplar as possibilidades de publicar seus trabalhos em revistas acadêmicas de língua inglesa - já que certas práticas e políticas epistemológicas podem favorecer injustamente algumas formas de escrever em detrimento de outras. O vento da descontextualização sopra

mesmo quando a lógica intelectual põe em questão os méritos básicos de tais práticas e políticas. Hoje, formas mais longas de artigos, que estão de acordo com os princípios metodológicos clássicos da pesquisa qualitativa, são cada vez menos aceitáveis em periódicos de língua inglesa considerados de alto impacto. A concisão excessiva pode gerar descontextualização à medida que os autores se esforçam por reduzir a extensão de seus artigos, assim como o empobrecimento da argumentação à medida que nuances significativas são removidas e desvalorizadas. Em resumo, sinto que políticas de limitação da contagem excessiva de palavras constituem uma forma de censura contra certos estilos de pesquisa e formas de escrita. Como resultado de sua ênfase na descrição densa, as etnografias e estudos de caso são particularmente vulneráveis em comunidades que celebram a economia da concisão.

Investigar as origens da economia de concisão vai claramente além do âmbito do presente ensaio. Dito isto, me vêm à mente algumas condições que podem ter facilitado o seu desenvolvimento e a sua difusão. Pode-se pensar na mentalidade de classificação dos periódicos, que cada vez mais exerce pressão disciplinar e auto-disciplinar sobre os pesquisadores para que publiquem regularmente em periódicos altamente classificados (ALVESSON; SPICER, 2016; GENDRON, 2013; KARPIK, 2011; PARKER, 2014; WILLMOTT, 2011). A regularidade pode promover um clima propício à produção de artigos mais curtos. Pode-se pensar na convenção de "gap-spotting", que motiva cada vez mais os pesquisadores a identificar e justificar suas questões de pesquisa através de uma crítica branda aos estudos anteriores - o propósito primordial é "ampliar" a literatura (ALVESSON; SANDBERG, 2013). Uma vez que a pesquisa para detectar lacunas não questiona os pressupostos subjacentes à literatura anterior, ela não tende a resultar em trabalho inovador (GENDRON, 2008). Ao se engajar em pesquisas de "gap-spotting", o autor provavelmente achará mais fácil estabelecer e justificar seu objeto de estudo. Pode-se pensar em uma sociedade cada vez mais inclinada e fascinada pelo pensamento de curto prazo (BERG; SEEBER, 2017).

O meu argumento é que a economia de concisão pode ser particularmente prejudicial à pesquisa qualitativa. Ela pressupõe que os pesquisadores são indivíduos semelhantes a máquinas, capazes de produzir artigos curtos a um ritmo acelerado. Presume que os leitores não estão interessados em se engajar em uma leitura substantiva de artigos longos. Pior ainda, fomenta um clima que promove a ideia de que as palavras são dispendiosas - comprometendo assim o núcleo da investigação qualitativa. Certamente, mais pesquisa é necessária para trazer mais luz aos processos que propagam a economia de concisão e as consequências prejudiciais que ela acarreta. Por enquanto, os pesquisadores de instituições não-anglófonas precisam estar conscientes de que o ambiente que envolve a disseminação do conhecimento nas revistas anglófonas é influenciado (nem sempre, mas frequentemente) por uma economia de concisão cujo impacto provável é a descontextualização da pesquisa.

4. Considerações Finais

Este ensaio visa aumentar a consciência dos pesquisadores qualitativos não anglófonos para algumas consequências prejudiciais (potenciais ou reais) resultantes da "internacionalização" da pesquisa por meio da sua publicação em periódicos de língua inglesa. Mantenho que os três tipos de barreiras (linguística, cultural e epistemológica) podem ter impacto na produção e disseminação de estudos qualitativos significativos, coerentes com os princípios metodológicos centrais da pesquisa qualitativa. Essas barreiras geram a descontextualização, afastando gradualmente o estudo do contexto que é investigado (por exemplo, diminuindo a linguagem, significados e esquemas de significância utilizados pelos participantes de campo) e de certos estilos de pesquisa (e de escrita de pesquisa). Em última análise, se os pesquisadores qualitativos não tomarem cuidado com estas barreiras, o resultado pode ser a produção de conhecimento descontextualizado. No entanto, a descontextualização está escondida da vista, uma vez que os leitores de artigos publicados são apresentados com estudos palatáveis, que foram de certa forma "recontextualizados" para serem consistentes com a língua, cultura e epistemologia favorecida pelo periódico de língua inglesa.

O tom do meu ensaio pode soar excessivamente alarmista. Reconheço que seja necessária uma investigação mais profunda e sistemática das formas como a internacionalização depende do desenvolvimento de uma investigação qualitativa significativa em instituições de outras línguas que não seja o inglês. No entanto, por enquanto, é prudente que pesquisadores de instituições não-anglófonas se dem a aderir ao movimento de internacionalização sem qualquer reflexividade/reflexão significativa. Uma decisão individual ou coletiva de publicar em periódicos acadêmicos "internacionais" não é incosequente. Espera-se que o presente ensaio seja, até certo ponto, útil para fomentar algum impulso de reflexividade sobre o assunto. Os periódicos anglófonos fazem parte de um sistema institucional que é competitivo, estratificado e hierárquico (ANNISETTE et al., 2018). Esse sistema compreende barreiras que podem encorajar a descontextualização quando pesquisadores de instituições não-anglófonas submetem estudos "estrangeiros" a periódicos acadêmicos. A CPA (do qual eu sou co-editor) faz parte deste sistema institucional. Ou seja, a CPA pode ser vista como um vetor de propagação da "internacionalização" e seus efeitos de descontextualização - embora os editores da revista estejam cientes do assunto e tenham adotado algumas iniciativas para tratar ou mitigar esses efeitos (ANDREW et al., 2020).

Antes de prosseguir, vale a pena frisar que o meu ensaio não constitui um argumento contra a internacionalização. Pesquisadores de instituições não-anglófonas que decidem embarcar nesta jornada podem ser capazes de viver experiências significativas em conferências internacionais de língua inglesa - beneficiando-se de comentários feitos por audiências interessadas e tendo oportunidades de desenvolver uma rede de relacionamentos com acadêmicos de todo o mundo. Os mesmos pesquisadores podem vir a escrever e publicar estudos de língua inglesa que serão bem reconhecidos na comunidade acadêmica internacional a que se dirigem - estabelecendo assim sua presença em áreas acadêmicas de conversação significativa que reúnem vários ou muitos autores reconhecidos. Por exemplo, quando um fenômeno latino-americano local é "traduzido" em nível internacional através de um artigo escrito em inglês, esse contexto local (incluindo seus atores, suas preocupações, suas tecnologias, etc.) passa a existir na mente de um número maior de pessoas. No entanto, o meu

ponto é que as perspectivas positivas de internacionalização não devem cegar pesquisadores e administradores universitários de instituições não-anglófonas para os perigos da descontextualização, sobretudo quando a pesquisa qualitativa está em jogo. O desafio é desenvolver o conhecimento e compartilhar idéias sobre alguns fenômenos sócio-econômicos de forma a manter sua especificidade culturalmente situada e, ao mesmo tempo, posicionar o estudo (e articular declarações contributivas) ao longo de algum segmento significativo da literatura "internacional".

Com base em Alvesson e Sandberg (2014), concluo este ensaio enumerando uma série de diretrizes preliminares que podem ajudar os leitores de instituições não-anglófonas a se engajarem em um exercício reflexivo quando chegar a hora de decidir se querem ou não se engajar na internacionalização de suas pesquisas. Eu não vejo essas diretrizes como "prescrições". Fazer prescrições é sempre uma questão delicada para os acadêmicos, pois essas prescrições podem ser interpretadas pelos leigos de maneiras que sugerem que o problema em consideração pode ser circunscrito e adequadamente abordado. Esta seria uma interpretação insustentável no domínio da pesquisa qualitativa, que se caracteriza pela crença ontológica de que a realidade é inevitavelmente complexa, caprichosa e imprevisível (Flyvbjerg, 2001; Miller & Rose, 1990). Considero, portanto, os seguintes pontos como diretrizes provisórias que podem ser úteis para refletir sobre os méritos de se engajar ou não nos caminhos da internacionalização.

- Sendo constantemente lembrado que na pesquisa qualitativa, o contexto importa. Os pressupostos ontológicos e epistemológicos que envolvem a pesquisa qualitativa especificam claramente o papel fundamental que a contextualização desempenha no desenvolvimento de estudos significativos (por exemplo, Lincoln e Guba, 1985).
- Mantendo uma atitude de prudência em relação aos méritos da internacionalização. O envolvimento ao longo do movimento de internacionalização não é inconseqüente para pesquisadores de instituições não-anglófonas, particularmente no que diz respeito ao risco de descontextualização.
- Escrever o artigo numa língua em que o autor seja capaz de realizar a ginástica intelectual. Se for utilizada tradução, o autor deve estar atento à qualidade da tradução, particularmente em termos de deformação inadequada de sentido original. O objetivo principal é assegurar que a versão inglesa seja suficientemente rica em nuances e reflexiva do ambiente empírico em estudo.
- Proporcionar um contexto apropriado para que os leitores possam entender o significado do objeto de estudo. Os editores e revisores de língua inglesa podem não estar cientes de eventos e fenômenos significativos em territórios "distantes". Eles precisam ser convencidos do significado, através da inclusão de detalhes persuasivos e de justificativas.
- Reconhecendo que enquanto o público acadêmico é motivado principalmente pelo interesse na teoria (GOLDEN-BIDDLE; LOCKE, 2007), pesquisadores de instituições não-anglófonas devem ser cuidadosos ao selecionar uma teoria

como perspectiva de análise. Deve-se evitar a dependência superficial de um eixo de teorização que está atualmente na moda (na academia de língua inglesa). A adoção de uma lente teórica deve ser sempre motivada por razões de substância. Uma via potencialmente inovadora a ter em consideração, quando apropriado, é confiar num conjunto de ideias teóricas que, até agora, não foram significativamente mobilizadas na literatura alvo, baseada na língua inglesa. Foi o que fizeram Guénin-Paracini e Gendron (2010) quando se apoiaram na teorização de René Girard sobre bodes expiatórios e rituais de sacrifício para dar sentido ao colapso de Arthur Andersen. Observa-se também que nem sempre é necessária uma perspectiva específica de análise; uma abordagem teórica fundamentada pode ser utilizada produtivamente (PARKER; ROFFEY, 1997; SUDDABY, 2006). Os autores abstêm-se, então, de se envolver em teorizações pesadas a partir de uma perspectiva ex ante; em vez disso, desenvolvem ligações com o domínio da teoria numa secção ou subsecção de discussão que se segue à apresentação dos resultados empíricos (por exemplo, Guénin-Paracini et al., 2015).

- Lembrando que a publicação em revistas de língua inglesa institucionalizadas é um esforço arriscado, mesmo para pesquisadores em instituições de língua inglesa (GABRIEL, 2010). As taxas de rejeição de periódicos estabelecidos tendem a ser relativamente altas (MOIZER, 2009). Dito isto, os autores de submissões com algum potencial significativo não estão sem nenhum poder no processo. Por exemplo, Golden-Biddle e Locke (2007, pp. 102-105) fornecem trechos da correspondência com os revisores em torno da publicação de Orlikowski (1993) no MIS Quarterly. Estes excertos mostram que Orlikowski se opôs diplomaticamente a algumas sugestões importantes feitas pelos revisores, escrevendo parágrafos em sua carta de resposta com um forte tom pedagógico.
- Envolver-se (quando apropriado) na resistência contra a economia de concisão - que infelizmente é cada vez mais influente nas redes de divulgação da investigação de língua inglesa. Isto implica uma variedade de esforços, incluindo iniciativas coletivas, em oposição à falácia dos atalhos intelectuais que, misticamente, assumem que mais curto é melhor. Esses atalhos são contrários aos princípios centrais da pesquisa qualitativa. Por exemplo, um autor pode decidir não reduzir o tamanho do seu artigo, submetendo-o em vez disso a uma revista que não adere a uma política irrealista de limitação da contagem de palavras. Os pesquisadores podem fazer lobby junto aos editores de periódicos com uma política irrealista, visando aumentar sua consciência sobre as consequências negativas de sua política. Em particular, etnógrafos e pesquisadores de casos não devem perder de vista a possibilidade de publicar seu trabalho através de um livro acadêmico supervisionado por uma editora reconhecida. Enquanto os livros são atualmente rebaixados dentro das regras do jogo que atualmente cercam os rankings de revistas na academia de língua inglesa, os livros são paradoxalmente reconhecidos como exercendo uma forte

influência, no nível teórico, em artigos de pesquisa em contabilidade qualitativa (CHIAPELLO; BAKER, 2011).

Concluo este ensaio referindo-me ao espírito das Conferências QRCA, que na minha mente é desenvolver "pontes" entre diferentes comunidades de pesquisadores qualitativos - que de outra forma dificilmente se encontrariam e interagiriam em conversas frente a frente. Como mencionado em Humphrey e Gendron (2015, p. 54),

Caracterizaríamos uma comunidade de pesquisa sustentável como sendo uma comunidade vibrante, inspirada, inspiradora, reflexiva e comunicativa. "Vibrante" no sentido de estar aberta a diferenças e a novas idéias; "inspirada" em ser apaixonada e proativa em experimentar ideias e gerar novas ideias; "inspiradora" em motivar indivíduos mais jovens (e colegas mais velhos a continuar) a abraçar uma carreira de pesquisa acadêmica; "reflexiva" em estar coletivamente comprometida em avaliar as contribuições e padrões de desenvolvimento do campo de um ângulo profundamente crítico; e "comunicativa" em assegurar que os principais resultados da pesquisa e avanços no conhecimento sejam amplamente divulgados.

Esta caracterização de uma comunidade ideal de pesquisa contábil sustentável está longe dos perigos da descontextualização aos quais os pesquisadores de instituições não-anglófonas estão expostos se eles se esforçarem para cruzar a ponte da "internacionalização". Em contraste, acredito que a caracterização de Humphrey e Gendron (2015) está bem adaptada ao espírito das conferências multilingues de QRCA. Atravessar uma ponte para territórios desconhecidos é sempre um desafio; a viagem pode ser gratificante, mas nem sempre. Os pesquisadores qualitativos de instituições não-anglófonas precisam ser lembrados sobre os perigos da descontextualização que podem impactar seu trabalho se decidirem cruzar a ponte da internacionalização. Daí a importância, como pesquisador qualitativo, de se manter fiel ao contexto - independentemente das pressões a que se está sujeito na jornada de publicação.

Referências

- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2013). Has management studies lost its way? Ideas for more imaginative and innovative research. *Journal of Management Studies*, 50(1), 128-152.
- Alvesson, M., & Sandberg, J. (2014). Habitat and habitus: Boxed-in versus box-breaking research. *Organization Studies*, 35(7), 967-987.
- Alvesson, M., & Spicer, A. (2016). (Un)conditional surrender? Why do professionals willingly comply with managerialism. *Journal of Organizational Change Management*, 29(1), 29-45.
- Alvesson, M., & Spicer, A. (2019). Neo-institutional theory and organization studies: A mid-life crisis? *Organization Studies*, 40(2), 199-218.
- Andrew, J., Cooper, C., & Gendron, Y. (2020). Addressing the English language hegemony problem in academia: An ongoing experiment and preliminary policy. *Critical Perspectives on Accounting*.
- Annisette, M., Cooper, C., & Gendron, Y. (2018). The question of diversity in "top" accounting journals. *Critical Perspectives on Accounting*, 51, 1-3.
- Armstrong, P. (1994). The influence of Michel Foucault on accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 5(1), 25-55.
- Beck, U. (2000). *What is globalization?* Cambridge, England: Polity Press.

- Berg, B. L., & Lune, H. (2012). *Qualitative research methods for the social sciences* (8th edition). Upper Saddle River, NJ: Pearson
- Berg, M., & Seeber, B. K. (2017). *The slow professor: Challenging the culture of speed in the Academy*. Toronto, ON: University of Toronto Press.
- Beverungen, A., Böhm, S., & Land, C. (2012). The poverty of journal publishing. *Organization, 19*(6), 929-938.
- Burgess, T. F., & Shaw, N. E. (2010). Editorial board membership of management and business journals: A social network analysis study of the Financial Times 40. *British Journal of Management, 21*(3), 627-648.
- Chalmers, A. F. (2013). *What is this thing called science* (4th edition)? Indianapolis, IN: Hackett Publishing Company.
- Chiapello, È., & Baker, C. R. (2011). The introduction of French theory into English language accounting research. *Accounting, Auditing & Accountability Journal, 24*(2), 140-160.
- Chua, W. F. (2019). Radical developments in accounting thought? Reflections on positivism, the impact of rankings and research diversity. *Behavioral Research in Accounting, 31*(1), 3-20.
- Cooper, D. J., & Morgan, W. (2008). Case study research in accounting. *Accounting Horizons, 22*(2), 159-178.
- Dai, N.T., Free, C., & Gendron, Y. (2019). Interview-based research in accounting 2000-2014: Informal norms, translation and vibrancy. *Management Accounting Research, 42*, 26-38.
- Delbridge, R., Suddaby, R., & Harley, B. (2016). Introducing JMSSays. *Journal of Management Studies, 53*(2), 238-243.
- Evans, L. (2018). Language, translation and accounting: Towards a critical research agenda. *Accounting, Auditing & Accountability Journal, 31*(7), 1844-1873.
- Flick, U. (2002). *An introduction to qualitative research*. London, England: Sage Publications.
- Flyvbjerg, B. (2001). *Making social science matter: Why social inquiry fails and how it can succeed again*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Gabriel, Y. (2010). Organization studies: A space for ideas, identities and agonies. *Organization Studies, 31*(6), 757-775.
- Gabriel, Y. (2016). The essay as an engendered species: Should we care? *Journal of Management Studies, 53*(2), 244-249.
- Gendron, Y. (2008). Constituting the academic performer: The spectre of superficiality and stagnation in academia. *European Accounting Review, 17*(1), 97-127.
- Gendron, Y. (2013). (Re)penser la contribution à la recherche. *Comptabilité – Contrôle – Audit, 19*(2), 135-155.
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting, 50*, 1-12.
- Gendron, Y., & Baker, C. R. (2005). On interdisciplinary movements: The development of a network of support around Foucaultian perspectives in accounting research. *European Accounting Review, 14*(3), 525-569.
- Gendron, Y., & Rodrigue, M. (in press). On the centrality of peripheral research and the dangers of tight boundary gatekeeping. *Critical Perspectives on Accounting*, doi.org/10.1016/j.cpa.2019.02.003.
- Gephart, R. P. (2004). Qualitative research and the Academy of Management Journal. *Academy of Management Journal, 47*(4), 454-462.
- Golden-Biddle, K., & Locke, K. (2007). *Composing qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Gómez-Villegas, M., & Larrinaga, C. (2019). A critical accounting project for Latin America? Objects of knowledge or ways of knowing. Paper submitted to the 2019 Qualitative Research and Critical Accounting (QRCA) Conference, Bogotá (Colombia).
- Grey, C. (2010). Organizing studies: Publications, politics and polemic. *Organization Studies*, 31(6), 677-694.
- Guénin-Paracini, H., & Gendron, Y. (2010). Auditors as modern pharmakoi: Legitimacy paradoxes and the production of economic order. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(2), 134-158.
- Guénin-Paracini, H., Malsch, B., & Tremblay, M.-S. (2015). On the operational reality of auditors' independence: Lessons from the field. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 34(2), 201-236.
- Hagège, C. (2012). *Contre la pensée unique*. Paris, France: Odile Jacob.
- Hopwood, A. G. (1979). Editorial. *Accounting, Organizations and Society*, 4(3), 145-147.
- Hopwood, A. G. (2007). Whither accounting research? *The Accounting Review*, 82(5), 1365-1374.
- Humphrey, C., & Gendron, Y. (2015). What is going on? The sustainability of accounting academia. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 47-66.
- Justesen, L., & Mouritsen, J. (2011). Effects of actor-network theory in accounting research. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 24(2), 161-193.
- Karpik, L. (2011). What is the price of a scientific paper? In J. Beckert & P. Aspers (Eds.), *The worth of goods: Valuation and pricing in the economy* (pp. 63-85). Oxford, England: Oxford University Press.
- Komori, N. (2015). Beneath the globalization paradox: Towards the sustainability of cultural diversity in accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 141-156.
- Latour, B. (1999). *Pandora's hope: Essays on the reality of science studies*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Lounsbury, M. (2008). Institutional rationality and practice variation: New directions in the institutional analysis of practice. *Accounting, Organizations and Society*, 33(4/5), 349-361.
- Lukka, K., & Kasanen, E. (1996). Is accounting a global or a local discipline? Evidence from major research journals. *Accounting, Organizations and Society*, 21(7/8), 755-773.
- Malsch, B., Gendron, Y., & Grazzini, F. (2011). Investigating interdisciplinary translations: The influence of Pierre Bourdieu on accounting literature. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 24(2), 194-228.
- Malsch, B., & Tessier, S. (2015). Journal ranking effects on junior academics: Identity fragmentation and politicization. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 84-98.
- Miller, P. & Rose, N. (1990). Governing economic life. *Economy and Society*, 19(1), 1-31.
- Moizer, P. (2009). Publishing in accounting journals: A fair game? *Accounting, Organizations and Society*, 34(2), 285-304.
- Morgan, G. (1980). Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. *Administrative Science Quarterly*, 25(4), 605-622.
- Orlikowski, W. J. (1993). CASE tools as organizational change: Investigating incremental and radical changes in systems development. *MIS Quarterly*, 17(3), 309-340.
- Palys, T. (1992). *Research decisions: Quantitative and qualitative perspectives*. Toronto, ON: Harcourt Brace Jovanovich Canada.
- Parker, L. D., & Roffey, B. H. (1997). Back to the drawing board: Revisiting grounded theory and the everyday accountant's and manager's reality. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 10(2), 212-247.

- Parker, M. (2014). University, Ltd: Changing a business school. *Organization*, 21(2), 281-292.
- Patriotta, G. (2017). Crafting papers for publication: Novelty and convention in academic writing. *Journal of Management Studies*, 54(5), 747-759.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd edition). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Pelger, C., & Grottke, M. (2015). What about the future of the academy? Some remarks on the looming colonisation of doctoral education. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 117-129.
- Porter, T. M. (1995). *Trust in numbers: The pursuit of objectivity in science and public life*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Power, M., & Gendron, Y. (2015). Qualitative research in auditing: A methodological roadmap. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 34(2), 147-165.
- Snell-Hornby, M. (2010). Mind the GAB. *The Linguist*, 49(3), 18-19.
- Stiglitz, J. E. (2002). *Globalization and its discontents*. New York, NY: W.W. Norton.
- Suddaby, R. (2006). What grounded theory is not. *Academy of Management Journal*, 49(4), 633-642.
- Wedlin, L. (2006). *Ranking business schools: Forming fields, identities and boundaries in international management education*. Cheltenham, England: Edward Elgar Publishing.
- Weick, K. E. (1989). Theory construction as disciplined imagination. *Academy of Management Review*, 14(4), 516-531.
- Williams, P. F., & Rodgers, J. L. (1995). The Accounting Review and the production of accounting knowledge. *Critical Perspectives on Accounting*, 6(3), 263-287.
- Willmott, H. (2011). Journal list fetishism and the perversion of scholarship: Reactivity and the ABS list. *Organization*, 18(4), 429-442.
-

NOTAS DE FIM DE TEXTO

[1] Latour's reasoning implies that de-contextualization is an obligatory passage point for the development of broader-level, comparable knowledge – through amplification. While this reasoning seems plausible when reflecting on quantitative research, one may wonder to what extent it applies to qualitative research, not least when the latter is carried out from an interpretive perspective. The quest for generalizable knowledge is far from being a consensual aim in the qualitative research community (Cooper & Morgan, 2008; Power & Gendron, 2015). In this essay, I focus on qualitative research being subject to de-contextualization pressures when authors from non-anglophone institutions seek to publish their work in “international”, English-speaking journals. Whether or not de-contextualization is an inevitable loss in order to engender some form of “comparable” research is outside the scope of my work.

[2] Obviously, qualitative research that is grounded in positivist thinking is subject to the dangers of de-contextualization. Yet my argument goes beyond the domain of positivism; as such, it is centered on the idea that

de-contextualization can exert detrimental influence on any kind of qualitative research, including that which is informed by the interpretive or critical epistemology (Chua, 2019; Gephart, 2004).

[3] My argument does not imply that each qualitative article, written by researchers from non-anglophone institutions and published in an English-speaking journal, is “fully” or heavily de-contextualized. Instead, de-contextualization is conceived of as a form of pressure (actual or potential) that may or might impact a paper in a relative way, not in an absolute one. Further, while I recognize that de-contextualization may influence as well the domain of quantitative research through the internationalization movement, the scope of my study is constrained to the area of research I have experienced, in situ, for more than 25 years, namely qualitative research.

[4] Other kinds of dangers and negative consequences ensue from a decision to jump on the internationalization bandwagon of research. For instance, many highly ranked English-speaking journals that publish qualitative research in the accounting and management domains belong to publishing houses whose economic behavior has been severely criticized (Beverungen et al., 2012).

[5] Dito isso, um número de periódicos no FT50 tem uma estrutura editorial que é reflexo de uma paisagem geográfica mais ampla, que é entretanto frequentemente relacionada à países anglófonos.

[6] These barriers inevitably overlap in the research field; I consider them distinctly for analytical purposes.

[7] Positioning is always present for all authors, no matter the kind of academic journal they target. My point is to reflect on the positioning challenges posed by the internationalization movement vis-à-vis qualitative research carried out in a non-anglophone institutional environment.